



UBE: 52 anos de ebulição literária

Alexandre Santos

Artigo sobre os 52 anos de atividade da União Brasileira de Escritores.

Na cena literária que anima a cultura local, além da centenária Academia Pernambucana de Letras e da Academia de Letras e Artes do Nordeste, que congregam números fixos de autores consagrados, se destaca a União Brasileira de Escritores (UBE-PE) – uma entidade aberta a escritores dos quatro cantos do Estado, que abriga mais de 1.200 sócios. Por acolher escritores de todos os gêneros e estilos, prestigiando autores populares e eruditos e abominando todas as formas de preconceito, a UBE passou a ter a devida designação de 'Casa do Escritor', uma referência que, além da confiança do mundo literário e cultural, lhe dá mais prestígio e respeito nos diversos círculos com os quais se relaciona.

Em 17 de janeiro de 2008, Pernambuco comemorou o primeiro cinquentenário da União Brasileira de Escritores, a Casa do Escritor, cuja sigla, UBE, se converteu em sinônimo de irmandade de escritores.

Hoje, são 52 anos de existência movimentada como movimentada é a literatura. Momentos de lirismo, de culto ao belo. Momentos de rebeldia, de engajamento político. Momentos de cautela, de aparente marasmo. Momentos de fulgor, de ebulição intelectual. Momentos de calmarias e anamarias que a renovam diariamente, deixando histórias e experiências, mas, nunca cicatrizes, rugas ou cacoetes.

Na vida da UBE, iniciada formalmente em 17 de janeiro de 1958, a historiadora Aduza Belo inclui o período no qual os escritores pernambucanos se articulavam no âmbito da Associação Brasileira de Escritores (ABDE) criada em 1949, na efervescência do pós-guerra à semelhança das ABDE's que existiam na capital da República, o Rio de Janeiro, e em São Paulo, por jovens idealistas animados por paixões artísticas e políticas, como Abelardo da Hora e sua esposa Margarida, Aderbal Jurema, Aroldo Bruno, Amaro Quintas, Lucilo Varejão Filho, José Nivaldo, José Rodrigues, Vanildo Bezerra, Olímpio Bonald Neto e outros. Durante nove anos, sob a liderança de Abelardo da Hora e guiada pelo amor às artes e pela vontade de mudar o mundo, a ABDE congregou escritores e artistas plásticos no Estado de Pernambuco em encontros realizados em livrarias, notadamente na Livraria do Nordeste, na Rua da Imperatriz. Tendo como pano-de-fundo a guerra fria que ganhou corpo nos anos 50, a ABDE foi palco de aguerridos debates ideológicos que a transformaram de comportada associação literária em buliçosa agremiação política. A politização da entidade cobrou uma prenda elevada, pois, no embalo de encontros e desencontros, a tênue estrutura que a mantinha não resistiu e a Associação Brasileira de Escritores em Pernambuco chegou ao fim. A débâcle da ABDE, no entanto, não conseguiu desarticular os escritores, que, pouco

a pouco, se reorganizaram em pequenos grupos que se reuniam no Café Laffayette, no Gráfico Amador e na Associação de Imprensa de Pernambuco (onde funcionava a chamada Ordem da Toalha – uma confraria criada por Cesário de Melo na qual os membros se comprometiam a mensalmente fazer uma boa ação e ler e comentar um livro), num processo que levou à criação da União Brasileira de Escritores na Rua Amélia, nas Graças, em 1958, sob a liderança de Gastão de Holanda, Carlos Pena Filho e Paulo Cavalcanti, que foi seu primeiro presidente.

Os primeiros anos da UBE em Pernambuco não foram fáceis. Já em 1959, o presidente Paulo Cavalcanti precisou se afastar para tratamento de saúde e a entidade ficou aos cuidados de Audálio Alves e Abelardo Jurema. Nos anos subseqüentes, como que restaurando o impulso participativo que levara à politização da antecessora ABDE, a UBE rechaçou os encantos da alienação e mergulhou nos debates políticos em torno das reformas de base propostas pelo presidente João Goulart. Estar ao lado do povo, como devem fazer os artistas, custou o desmantelamento da UBE. Em 1964, com a instauração do regime militar e prisão de Paulo Cavalcanti, a entidade que vivera apenas cinco anos foi forçada a suspender as atividades. Em estado de hibernação, a espera de uma oportunidade para ressurgir, a UBE-PE permaneceu vinte anos silenciada. Mesmo assim, de vez em quando, desafiando a mordaga imposta pelas baionetas do autoritarismo – que, com razão, temia o funcionamento das entidades intelectuais –, os escritores manifestavam o espírito irrequieto da UBE em reuniões, muitas das quais realizadas à luz de velas.

Mas, graças a Deus, não há mal que sempre dure e, em janeiro de 1984, com a redemocratização, a UBE ressurgiu e pode reabrir os braços para restaurar a Casa do Escritor Pernambucano, acolhendo a todos com o respaldo institucional indispensável às boas lutas. Naqueles dias, por iniciativa do potiguar Fagundes de Menezes, os escritores Paulo Cavalcanti, Vital Corrêa de Araújo, Lucilo Varejão Filho, Nelson Saldanha, Juarez Correia, Tereza Tenório, Olímpio Bonald Neto e outros se reuniram na sede da OAB, dando início ao processo de reorganização da UBE, que, no início desta segunda fase, teve jurisdição até o Rio Grande do Norte. Mais uma vez, Paulo Cavalcanti foi convocado pelos escritores pernambucanos para presidir a UBE, abrindo uma galeria que, depois, foi ocupada por Nagib Jorge Neto, Frederico Pernambucano de Melo, Dione Barreto, Olímpio Bonald Neto, Flávio Chaves, Vital Correia de Araújo e, agora, por mim.

Ao longo de toda a sua existência, a UBE-PE tem se mantido fiel ao espírito que a faz ser conhecida como a Casa do Escritor Pernambucano, realizando projetos literários de cunho popular e erudito e apoiando entidades e causas, especialmente as vinculadas ao 'movimento de valorização do livro e do autor pernambucano'. Ao tempo que abraça todas as manifestações literárias, prestigiando a pernambucanidade que nosso escritor transpira e suspira, a UBE-PE se insurge e mobiliza forças para barrar as sistemáticas investidas de setores interessados em fazer prosperar um regime nefasto de hegemonia cultural do eixo sudestino.

A defesa que, hoje, a UBE faz da pernambucanidade e dos valores mais sublimes da humanidade não é nova. Na realidade, embora, para os registros burocratas, só tenha

nascido em 1958, a história mostra que, com outros nomes, sempre existiu uma 'UBE' para congregar os escritores pernambucanos em torno da literatura e das boas causas. Quem duvidar que veja a constituição das confrarias que empurraram as memoráveis campanhas pela independência, pela república, pela abolição, pela democracia, pela paz, pelo amor.

(*) Alexandre Santos é presidente da UBE